



Nas fitas a alma se enlaça: no adeus a Coimbra de Celestino Gomes

Teresa Bagão

Escola Secundária de Estarreja

(...) Por isso ouvimos. É que estamos próximos
desse fervor que assiste
ao novo nascimento de que os mortos
surdem alegres. Maliciosos. Vivem.

Fernando Echevarría

(...) Entre nós e as palavras, os emparedados
e entre nós e as palavras, o nosso dever falar.

Mário Cesariny

Palavras-chave: Celestino Gomes, Coimbra, revista, universidade, tradição académica, finalistas de Medicina, professores catedráticos.

Keywords: Celestino Gomes, Coimbra, theatre play, university, academic tradition, senior Medical students, professors.

1. Na extensa produção literária de João Carlos Celestino Pereira Gomes (Ílhavo, 1899 – Lisboa, 1960), o teatro ocupa uma parcela notoriamente minoritária, muito embora o interesse e o gosto pela arte da representação se tenham manifestado em idade precoce. A comprovar essa faceta do seu multiforme talento artístico, evocamos o testemunho de um amigo de longa data, também natural de Ílhavo: «Em variados espectáculos que uma companhia infantil realizou, ele era o director artístico e a *vedeta* principal. Nesses saraus recitava *O Melro*, de Junqueiro, e outros poemas e tinha um repertório de canções (género de teatro muito em voga, há 50 anos) que punham a plateia, sempre interessada em ver os *grandes artistas*, em constante gargalhada. (...) Já de pequeno, em coisas de arte, era de uma meticulosidade impressionante»¹.

¹ O emocionado e cativante testemunho do professor Guilhermino Ramalheira prossegue, desfiando muitas outras qualidades (e impertinências!) artísticas que o seu amigo exibia, entre elas, a sua «memória verdadeiramente prodigiosa», que lhe permitia decorar, com grande facilidade, poemas enormes e, quando a

A comprová-lo, ainda, a criação da peça *In Hoc Signo*, que foi representada pelo próprio e por mais dois amigos de Ílhavo, na sala de teatro da Vista-Alegre, decorria o ano de 1914; o jovem João Carlos era, então, aluno do Liceu de Aveiro.

Só muito mais tarde, no ano de 1927, se assinala o regresso à cena de um texto da sua autoria. É o ano da conclusão do curso de Medicina, em Coimbra, e, nos dias 29 e 30 de Maio, no Teatro Avenida, ouvir-se-ão os entusiásticos aplausos de colegas, de professores, da academia coimbrã, aquando da representação da revista de despedida dos quintanistas de Medicina, *Fitas Doiradas... Ilusões Doiradas...* Logo no ano seguinte, em 1928, os seus predicados no domínio das artes performativas são confirmados, agora como ensaiador de um grupo de estudantes liceais de Coimbra (do 7.º ano), que, integrados numa visita de estudo e acompanhados por professores, vão actuar às Caldas da Rainha e cujo sucesso faz eco na imprensa local, que assim reconhece o talento do recém-formado médico².

Conquanto apenas dois títulos fizessem parte da obra publicada, os projectos de edição de textos dramáticos acompanharam Celestino Gomes ao longo dos anos 30 e 40, como facilmente denunciam as indicações de obras a publicar, sob a designação «A Seguir». Deste modo, era intenção do autor dar à estampa o inédito *In hoc signo – quadro dramático em verso* (1924), título que remete para o texto escrito e representado quando tinha 15 anos, provavelmente revisto, agora, pela sua mão adulta. Durante nove anos (entre 1934 e 1943), surge sistematicamente a referência ao projecto *Sóror Leonor e Mais Teatro*, cujos textos a incluir são enunciados uma única vez, em 1934: *Sóror Leonor e Mais Teatro (In Hoc Signo, Noite de Agoiro, Tormenta, Máquina)*. Contudo, nenhum destes títulos chegaria a ser publicado. De referir ainda, comprovando o apreço pelo texto dramático, os dois poemas intitulados «E fora assim ao sol-posto» e «Sereia» (que integram o volume *Sinfonia Muito Incompleta*, de 1958), pelo facto de apresentarem uma estrutura muito próxima deste modo literário, devido, por um lado, à indicação do nome da personagem que enuncia a fala, por outro, às passagens em prosa poética em tudo semelhantes a didascálias, introduzindo e entrecortando o texto dialogal versificado, notando a progressão temporal e o estado de alma dos interlocutores.

companhia teatral infantil de que fazia parte ensaiava uma peça nova, sabia sempre o seu papel *na ponta da língua* e sabia também os dos outros, para os ajudar no caso de uma falha. Nunca o vi em embarços a recitar versos seus ou doutros poetas, porque a sua memória era uma máquina perfeita que não falhava» (Ramalheira, 1962: 53-54).

² «Os rapazes do 7.º ano representaram duas comédias: *Educação inglesa* e *O grande inventor*. João Carlos ensaiara-os e recitou duas poesias suas, «uma das quais futurista, que agradaram», como disse o cronista da «Gazeta das Caldas» (...). Eis um traço da psicologia de João Carlos: vivo, azougado, falador, mas, apesar de se tratar de uma festa, e de rapazes de Coimbra a quem tudo se desculparia, João Carlos estava ali como ensaiador, como responsável pela disciplina, e tomava a sério, como a tudo em que se meteu pela vida fora, as próprias brincadeiras» (Correia, 1962: 34-35).

Num registo distinto do literário, Celestino Gomes também veio a associar brilhantemente a sua arte como desenhador a três textos dramáticos, para os quais elaborou um grande número de ilustrações a tinta-da-china, alusivas tanto a personagens como à acção dramática. Referimo-nos ao *Auto dos Pastores para se apresentar nas Matinas de Natal* (1926) e ao *Auto da Pastora Perdida e da Velha Gaiteira* (1944), de João Maria de Santiago Prezado, bem como ao *Auto Chamado Farsa dos Físicos de Gil Vicente* (1946), que inclui um estudo do seu antigo professor da Faculdade de Medicina de Coimbra, Doutor Alberto Moreira da Rocha Brito.

Detenhamo-nos por breves momentos na década de 20, que corresponde ao período de formação académica de Celestino Gomes, cuja conclusão seria ditada pelo sucesso no exame de Anatomia e iluminada pelas luzes da ribalta. Efectivamente, este período distingue-se por marcar o início da sua profícuca e dinâmica actividade tanto ao nível da criação literária (sobretudo do conto e da novela), como na colaboração em periódicos e em variadas iniciativas de feição cultural ou editorial.

Após a realização dos estudos preparatórios médicos na cidade do Porto, entre 1918 e 1921, é em Coimbra que vai prosseguir e terminar o curso de Medicina. Na Invicta, durante o período inicial de formação académica, confessa ter obtido «maior aproveitamento emocional que profissional», em virtude das tertúlias literárias em que participava e do permanente convívio com pintores, escritores e pensadores de renome³. O amigo Cândido Craveiro testemunha-o: «Estudar medicina? Perdê-lo e achá-lo era muito menos na Escola Médica do que nos cafés, de gorra com intelectuais, gente das letras, poetas, jornalistas e quejandos, ou a laurear por oficinas de pintores e escultores. O que ele afinal veio tirar foi um curso de estética. Ele mesmo diria mais tarde: *Fez-se no Porto a minha educação estética.*» (Craveiro, 1962: 61-62), reconhecendo o próprio Celestino Gomes que «Não se pode dizer que perdesse o meu tempo».

Em 1920, publica o seu primeiro título de teatro, *Sóror Leonor. (Quadro dramático em verso)*, sendo o segundo – e último – a revista de despedida dos quintanistas do seu curso. Nesse mesmo ano, funda o jornal *Beira-Mar, Semanario noticioso, de interesses locais*, do qual é director durante seis anos; importa salientar que a concepção gráfica do periódico, inúmeros textos (jornalísticos e literários) e quase todas as ilustrações são, nesse período, da sua autoria. Entretanto, publica novelas, contos e um volume de poesia. Em 1926, novo apelo dos conterrâneos chega a João Carlos, que é «convidado a assumir o honroso cargo de Organizador do Museu Regional de Ílhavo e, consequentemente, de seu Director»⁴, cargo que manterá até 1933.

³ Mencionemos, a título exemplificativo, Leonardo Coimbra, Hernâni Cidade, Teixeira Rego, Aarão de Lacerda, Teixeira de Pascoaes, Visconde de Vila Moura, os pintores Eduardo Malta, Joaquim Lopes, Eduardo Viana, João Peralta.

⁴ Carta de Diniz Gomes ao Dr. Celestino Gomes, 15 de Outubro de 1926 (Arquivo do Museu Marítimo de Ílhavo). Além de Presidente da Comissão Organizadora do Museu Regional de Ílhavo, Diniz Gomes era



Ex-libris da Biblioteca
Municipal de Coimbra (1925)

O trabalho intelectual e a produção artística, a que continuou a dar largas no seu quarto em Celas, incluíam a intervenção no Movimento de Arte Modernista em Coimbra, corria o ano de 1925, movimento este que «arranha a Senhora Pasmaceira de Coimbra» (Régio, 1994: 9), protagonizado por António de Navarro, Abel Almada, José Régio, Alberto de Serpa, Mário Coutinho e Celestino Gomes, que redige o texto-manifesto de, «Da Arte-Toda», assinado com o pseudónimo de «Pereira São-Pedro (PINTOR)»⁵; projectava-se também, entre outras, uma conferência sobre pintura moderna da autoria do jovem ilhavense, reconhecido pelos seus pares como «pintor, gravador, poeta, novelista» (Ibid.: 10). Igualmente dos seus tempos de estudantes é a criação dos *ex-libris* da Biblioteca Municipal de Coimbra e do Orfeão Académico de Coimbra, em 1925 e 1927, respectivamente⁶ (Madahil, 1962: 201). Por essa ocasião, inaugura uma exposição individual naquela Biblioteca⁷, sendo ainda figura actuante no I Salão de Arte dos Estudantes de Coimbra. O empenho na divulgação da sua pintura manifesta-se em exposições individuais, reflectindo uma constante e intensa produção artística, conscientemente orientada.

Se, por um lado, é evidente a esteira de admiração com que marcou camaradas e professores, por outro, a cidade universitária e o ambiente académico haveriam de deixar profunda e duradoura impressão na alma de Celestino Gomes, sendo motivo de frequente e saudosa veneração. Poderemos fazer uma breve aproximação a alguns factos que o comprovam.

O estudo *A Fisionomia da Morte*, concluído em 1927, mas somente apresentado em conferência em 1931, é dedicado a «médicos-artistas, mestres ilustres e bons amigos»

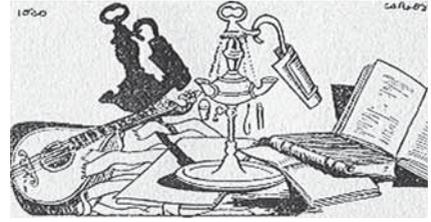
também Presidente da Câmara Municipal da vila, e é nessa qualidade que subscreve a carta. Na missiva, não deixa de justificar o convite oficial, evidenciando o «alto, puro e acendrado amor» do futuro médico pela sua terra natal, «a par da preparação científica, uma cultura artística e literária pouco vulgares, que, de há muito, lhe marcaram um lugar de destaque entre a moderna geração intelectual portuguesa». Deste modo, a consecução do projecto do Museu Regional exigia, «e sem delongas, toda a beleza da sua Arte e elevação do seu talento» (Garrido e Lebre, 2007: 201).

⁵ Neste nome artístico, recupera o apelido de família da sua mãe, Maria da Apresentação São-Pedro.

⁶ Da sua autoria será também, em 1955, a ilustração da capa do catálogo alusivo às comemorações das Bodas de Diamante deste Orfeão.

⁷ Na edição de 4 de Abril do jornal conimbricense *O Despertar* (Ano IX, 820, 2), no artigo de apreciação crítica intitulado «Celestino Gomes e a sua exposição», pode ler-se: «João Carlos, gravador e pintor, e Celestino Gomes, poeta, prosador e jornalista, são uma só pessoa», que «expõe os seus trabalhos na vitrine da Biblioteca Municipal. (...) As exposições como a de Celestino Gomes têm o alto fim de educar a sensibilidade e o gosto do povo. Cumpre incitar estes pioneiros da Arte para que no futuro Coimbra possa orgulhar-se do seu desenvolvimento artistico».

(Gomes, 1932: 5) da Universidade de Coimbra, os Professores Doutores Feliciano Guimarães, Henrique de Vilhena, A. Rocha Brito e Maximino Correia. Reiterando o seu apreço e admiração por estes três últimos, e acrescentando o nome de António Gomes, redige a crónica «Quatro Retratos de Coimbra», inserida no volume *Jornadas de Borda-de-Água*, de 1954. São também da sua autoria algumas dezenas de desenhos, que materializam inúmeras paisagens, lugares, tradições e figuras típicas da Lusa Atenas, ilustrando profusamente as *Trovas de Coimbra. Quadras da Tradição da Saudade e do Amor*, compiladas por A. Gonçalves Cunha. Nos anos subsequentes, outros eventos darão voz à saudosa homenagem a Coimbra das capas e batinas, reunindo antigos colegas em confraternização frequente. Com efeito, em Março de 1939, juntamente com Afonso Lopes Vieira, Celestino Gomes organiza o ciclo da Quinzena de Coimbra em Lisboa, na qual apresenta a conferência significativamente intitulada «Coimbra, fonte de amores», texto que insere no volume de crónicas *Fonte de Amores* (1940)⁸. Data também de 1939 a colectânea *Poetas de Coimbra*, editada pela comissão Organizadora do Salão dos Estudantes de Coimbra, em Lisboa. Sempre presente nas reuniões do seu curso, «onde disfrutava a amizade e o apreço de todos os condiscípulos», em 1957, é de novo protagonista nas comemorações do 30.º Ano da Formatura do Curso Médico de 1921-27. A brochura celebrativa dessa Reunião inclui os sonetos da sua autoria «Soneto da saudade (aos nossos vivos)» e «Soneto da lembrança (aos nossos mortos)», sendo igualmente publicada a sua «Carta para Coimbra», carta-poema apresentada sob a forma de quinze quintilhas, de intenso cunho afectivo, em que relembra trinta e seis colegas de curso.



Uma das ilustrações da colectânea *Trovas de Coimbra. Quadras da Tradição da Saudade e do Amor* (1931).

2. O artista é um demiurgo, e João Carlos Celestino Gomes conseguiu sê-lo em plenitude, dado que a sua obra revela um criador versátil e completo, capaz de dominar com mestria os diferentes meios de expressão artística colocados à disposição do Homem.

⁸ Na noite de 13 de Março, a conferência de Celestino Gomes é antecedida pelas palavras do Professor Doutor Maximino Correia, «que presidiu à sessão ladeado pelo Marquês de Roriz e Coronel Pina Lopes», as quais são transcritas com o título de «Marginália», «aqui arquivadas como prova da bondade do coração do insigne Professor e o melhor título de honra para o autor deste livro». Destacamos a passagem seguinte: «O Dr. João Carlos Celestino Gomes deixou Coimbra há uma dúzia de anos. Mas porque como estudante foi superior aos outros e já o seu nome era conhecido pelas cintilações múltiplas do seu delicado espírito, a ela ficou prêso, nas recordações saudosas do seu mágico encantamento. (...) Meu caro João Carlos, fale, fale-nos de Coimbra» (Gomes, 1940: 113-115).

É na década de 20 que assistimos, portanto, à maturação deste indiscutível e multimodo talento criador, dissecado com acuidade pelas palavras de Severo Portela, na breve recensão crítica a *Luar de Lágrimas*: «(...) Celestino Gomes merece que o tratemos de Miguel Angelosinho, tamanha é a devoção com que alternadamente, compõe prosa; verseja a redondilha maior e menor; pinta a óleo; craiona; mancha aguarela; esculpe a madeira e o marfim; debucha; é xilógrafo e miniaturista; oleiro; vidraceiro, esmaltador. (...) Desde há três anos que eu, na “Beira-Mar” (...), rastreio a poliformia estética de Celestino Gomes» (Gomes, 1925: 88).

Em Coimbra, «sem tempo para a boémia», se bem que mantendo uma «alegria e verbosidade exuberantes, convivendo com muitos amigos, encantados com a sua inteligência, o seu espírito e a sua vibratibilidade, leal e generosa» (Correia, 1962: 42), enfrenta mais um desafio no final da formatura, que irá pôr à prova as suas adormecidas qualidades de dramaturgo: é unanimemente incumbido pelos colegas de criar a revista de despedida dos quintanistas de Medicina, num momento em que «já o seu nome adquirira crédito forte como artista, como poeta e como prosador. Com tais qualidades, estava naturalmente indicado para escrever a peça da récita do seu quinto ano» (Salgueiro, 1962: 14).

Teatro para um grupo minoritário, circunscrito às mundividências da academia de Medicina coimbrã, teatro de e para amadores, teatro mínimo porque também circunscrito a duas únicas representações, a peça que ora relembramos fez parte integrante dos festejos com que se celebrou a Queima das Fitas de 1927 e, especificamente, a conclusão do percurso escolar dos quintanistas de Medicina desse ano lectivo de 1926-1927⁹. Original de João Carlos Celestino Gomes, a revista em dois actos e seis quadros *Fitas Doiradas... Ilusões Doiradas...* subiu ao palco do Teatro Avenida nos dias 29 e 30

⁹ Os festejos desses dias são ansiosamente antecipados na rubrica «De Coimbra» do jornal ilhavense *Beira-Mar*, pelo correspondente Manuel da Graça. Na edição do dia 15 de Maio, escrevia: «Vão acelerados os preparativos para a estrondosa «Queima das Fitas» que este ano promete exceder todo o tradicional e miraculoso encanto dos anos anteriores. § 70 grosas de foguetes, 7 zabumbas de gaitas de foles e 25 carros! § Vinte e sete de Maio! Vinte e sete de Maio! § Ó data gloriosa em que nós, perdendo no Largo da Feira, ao fumo que se eleva os desgastados *distintivos de caloiro* penetramos na mui arriscada e duvidosa categoria *canina de semi*. (...) A vetusta e heráldica Faculdade de Medecina, aquela que sempre manda, irá máis uma vez ser a melhor de todas! § Ao que consta, o livro destes doutores vai apresentar-se magnífico. Abre-o uma «Visão de Oferenda» assinada pelo nosso ilustre patricio e poeta Vaz Craveiro, garantia segura do seu sucesso. Fecha-o ainda o mesmo doutor com o «Novêlo do Tempo» magnífica e rica composição de despedida, que já anda na boca dos doutores, que foram caricaturados expressamente pelo lapis mágico de Amarelhe. § No quinto ano médico há a peça escrita por Celestino Gomes, outro nome que marca originalidade e bom exito. § E assim este ano, a nossa terra mostra-se bem conhecida através destes dois nomes que a nobilitam». A edição do dia 5 de Junho inclui a descrição circunstanciada do grande dia, na qual Manuel da Graça faz referência, mais uma vez, à presença «dos quartanistas da hieraldica e famosa Faculdade de Medicina que, por grande honra de que só ela é merecedora, fecha o cortejo, que, como os seus sonetos, tinha de fechar com chave de oiro, como doiradas são as fitas, as rosas que engalanam

de Maio de 1927. O libreto apresenta uma versão reduzida do texto (com 25 páginas), datando de Agosto desse ano a publicação da versão integral (61 páginas), acrescida das dezasseis composições musicais da autoria de D. José Pais d'Almeida e Silva (com páginas numeradas de 1 a 16, encerrando-se o pentagrama com a referência «João Carlos copiou MCMXXVjj. Coimbra. Julho»). O presente estudo tem como base esta edição de Agosto de 1927, cuja capa é igualmente da autoria de Celestino Gomes, com um desenho a duas cores que destaca três dos principais motivos da tradição académica coimbrã, antecedido pelo título e pelo nome do autor, concebidos com a sua própria grafia, e separados por um friso estilizado e zigzague, interrompido a meio pela estrela de cinco pontas, símbolo salomónico recorrente na obra plástica do artista e base do seu *ex-libris*.

O título por que optou – *Fitas Doiradas...Ilusões Doiradas...* – concilia as tradicionais fitas das pastas dos escolares com o identitário amarelo do curso de Medicina, frequentemente referenciado como doirado. Reiterando a expressiva duplicação das reticências, denuncia ainda a ilusória perspectiva de vida dos jovens académicos, os tempos de descontraído estudo, de infinita boémia, de camaradagem e de permanentes amores, marcados por uma certa ingenuidade, vivências metaforicamente doiradas, Idade do Ouro que as vicissitudes do exercício da profissão e da vida adulta acabam por condenar a uma permanente e entranhada nostalgia.

A encenação da peça ficou a cargo do Doutor Alfredo Matos Chaves, sendo a decoração da responsabilidade dos quintanistas João Carlos Celestino Gomes e Manuel Guimarães Serôdio. Contudo, não será despidendo acreditar que o génio criador de Celestino Gomes tenha contribuído de forma efectiva para os trabalhos de direcção de actores ou mesmo de desenho dos figurinos.

O extensíssimo elenco de noventa e oito «Figuras»¹⁰ antecipa uma representação animada, com permanentes entradas e saídas de personagens individuais e grupais (destas últimas são exemplo, entre outras, o coro dos brasileiros, dos medicamentos e dos quintanistas). Por conseguinte, os cinquenta rapazes do 5.º ano¹¹ acumulam a

os carros, como doirada é a alegria de muitos que num sorriso às damas acenam as pastas em adeus...» (Graça, 1927: 3).

¹⁰ No libreto, a apresentação das personagens e actores difere ligeiramente, pelo facto de se especificar o papel de «compère» de Felizardo Costa Direito e de reduzir substancialmente o elenco. Na revista à portuguesa, o «compère» é o actor que intervém na transição entre os vários quadros, estabelecendo assim a ligação entre eles, normalmente através de intervenção marcada pelo humor.

¹¹ As duas alunas referidas no livro de ponto dos quintanistas de Medicina – Maria Gabriela Costa de Mendonça e Zulmira Augusta Trigo Barreiros – não intervêm na representação da peça. Na verdade, só na récita de 1949-50 «entram as estudantes, já que, até então, os papéis femininos eram representados em travesti, alguns dos quais notáveis» (Torgal, 2003: 78). O autor menciona alguns títulos e autores das récitas de despedida, que animaram Coimbra na primeira metade do Século XX. Sobre esta tradição académica, Vide A. Carneiro da Silva (1955). *As Récitas do V Ano*. Coimbra: Coimbra Editora.

representação de três ou quatro personagens. No caso do autor, é-lhe destinada a interpretação dos papéis de Capa e Batina, Manduca, 6.^a Fita Estreita e de Manel; através deste último, Celestino Gomes teve a oportunidade de, por momentos, ser aplaudido enquanto cantor.

Ao longo dos dois actos, figuras humanas que povoam e identificam a cidade universitária (a tricana, o estudante, a lavadeira, o orador oficial, o quintanista, a enfermeira, o bedel, o porteiro, ...) irão contracenar com alegorias personificadas de outros tantos aspectos identitários da Coimbra de ontem e de hoje (a Capa e Batina, a Tradição, a própria Universidade, a Força Viva da cidade, o Astória, as Fitas Estreitas, as Fitas Largas e a Alma Académica, a finalizar a peça), às quais se juntam as alegorias que individualizam o curso (a Neurogenina, a Tricofitina, o Calicida, o Glicerofosfato, Neige e Brillhantina, enfim, o coro dos medicamentos, que intervém na cena 2 do Quadro VI)¹². No amplo elenco de personagens, somente quatro apresentam nome próprio: é o caso de Felizardo Costa Direito, figura omnipresente nos dois actos, de Carna-Bom Júnior, que abandona a cena logo no final do Quadro I, e do físico egípcio Serapião, personagem principal que faz a sua entrada na cena 2 do Quadro II; por último, o Manel, um rude camponês que, na cena final, vem ao Hospital de Coimbra visitar o compadre «Jé da Quitéria que está no hospitale com um maljinho ruim» (Gomes, 1927: 58).

No que diz respeito à estrutura externa, a revista apresenta-se dividida em três partes, um breve «Prólogo», o 1.^o Acto e o 2.^o Acto, correspondendo ao primeiro três quadros formados por dezoito cenas, e ao segundo, os outros três quadros, num total de doze cenas. A acção dramática das sete cenas iniciais decorre num hipogeu do antigo Egipto, onde acabara de ser anunciada a descoberta de uma importante relíquia arqueológica; aqui, o enredo ficcionado coloca alguns membros do corpo de alunos da Faculdade de Medicina e da própria cidade de Coimbra. A partir do Quadro II, a acção situa-se na Lusa Atenas, permitindo as didascálias uma localização detalhada: o Largo Miguel Bombarda, um local não especificado de onde se obtém uma «vista geral de Coimbra», e a entrada do Hospital da Universidade; no Quadro V, alternadamente, a Rua de Sub-Ripas e a Torre de Anto, com o Arco ao fundo; no Quadro VI, o cenário é «o alto da Avenida Sá da Bandeira. Ao fundo a Praça da República. À E. a Farmácia Pinto d'Almeida» (ibid.: 54).

O prólogo constitui uma didascália com informações alusivas ao cenário e à localização da acção dramática num templo funerário do antigo Egipto. O texto inicia-se com

¹² Sem dúvida que estamos na presença de muitos aspectos característicos da revista à portuguesa, o que denuncia a principal inspiração que esteve na origem do texto criado por Celestino Gomes. Como na folha de rosto exhibe o subtítulo «Revista em 2 actos e 6 quadros», de imediato a identificamos com este género teatral. Para além da extensa tábua de personagens, da crítica às instituições e aos seus representantes, comungam do humor – por vezes malicioso – da sátira mordaz, de falas versificadas, cantadas e musicadas.

a apresentação pormenorizada de um quadro que explicita o ambiente que antecede a entrada em cena das personagens: um grupo de figurantes forma um «cortejo funerário com sacerdotes, carpideiras, escravos e escravas com oferendas, perfumistas, tocadores de cítara», «bailadeiras dançando a dança da morte» (ibid.: 11), rituais que preparam a colocação em cena de uma múmia. Deste modo, cruzam-se dois distintos momentos da História da Medicina: o passado remoto, representado na recém-descoberta múmia de «Serapião Rank-Tank-Ankh», nome parodiado do sábio médico de um faraó «Sesóstris 35,5 que Deus haja»¹³, e o presente, representado por Felizardo Costa Direito. A descoberta da múmia deve-se ao trabalho arqueológico da personagem Carna-Bom Júnior¹⁴, que conseguiu a proeza de «subir os degraus da glória, descendo às profundezas dos séculos passados» (ibid.: 11). É chegado o momento de divulgar a façanha às nações mais importantes, pelo que entram em cena o Dr. Boche (Alemanha), Dr. Japão e Mr. de France. No momento em que se ouve uma inesperada manifestação, no exterior, entra em cena um indivíduo trajando «capa e batina gastas, sapatos de côr, gravata de côr, sweater, colarinho mole». Parece ter forçado a entrada, ajudado pelos colegas em ruidoso convívio, responsáveis pelo alarido e pelos tiros que se ouviam, denunciando o comportamento arruaceiro e a estúrdia dos académicos.

O «estudante de Medicina, da rua da Matemática, representante da Academia coimbrã» viajara para o Egípto e reclama a múmia para ser estudada, isto é, ressuscitada, pelo trabalho da avançada ciência médica desenvolvida em Coimbra, embora os outros três países reiviniquem o achado arqueológico, para o estudar à luz da química, da electricidade e da arqueologia, as três ciências que representam. Carna-Bom Júnior pretende operar o milagre de dar vida à múmia e assim «reconstituir ao mundo a sua história». Contudo, não será o mérito da investigação científica a ditar este desfecho («Já vêem, senhores, que a ciência é falível.»), mas sim a fabulosa Alma Académica. Perante o olhar atónito de Carna-Bom Júnior desfilam a Capa e Batina, a Tradição, o Roteiro e o Coro dos Brasileiros, levando-o a afirmar que «Só agora compreendo a beleza de que vos revestis» e, no final, a decidir em favor das pretensões de Felizardo, quando diz: «Sinto-me apaixonado pela tua terra. Pois bem, amigo... leva o Serapião. (*trocamos apertos de mão*)» (ibid.: 22).

Serapião vai fazer, assim, uma fabulosa viagem no tempo, quando, em Coimbra, os estudos médicos, satiricamente distanciados de qualquer metodologia científica, mas através de um processo que mais parece mezinha caseira, conseguem ressuscitar a múmia egípcia: «Venho moídos dos ossos! Bonito método terapêutico, não haja dúvida.

¹³ De novo detectamos a criação satírica do autor, alusiva ao nome do faraó Sesóstris (nome grego de Senuseret) que, por volta do ano 3000 a.C., criou os números fraccionários. Assim parece justificar-se a paródia do numeral «35,5».

¹⁴ A personagem criada por Celestino Gomes terá eventualmente origem na denominação do antigo povo dos Carnas, que habitava além da Lagoa Meótida (mar de Azov), na região da Crimeia.

Se pega a moda do xarope de marmeleiro, pelo menos muito terá a perder a preguiça nacional» (ibid.: 26). A criatura fantástica ergue-se dos confins dos milénios antes de Cristo, o médico vê-se reflectido no espelho, por um processo de entrecruzamento de tempos que parece inspirado nas narrativas de ficção científica.

Neste texto, a variedade de modos de expressão e a adopção de técnicas de projecção em cena contribuem para a eficácia de uma representação animada, exuberante e cativante. De facto, o autor ofereceu aos espectadores uma revista que concilia a dança, a música, o diálogo em prosa, o recitativo e o canto versificados e musicados, a recitação, uma simulação de pugilato e a projecção de texto. A obrigatória balada de despedida não conclui a representação nem esta se inicia com o hino académico, como era comum (Torgal, 2003: 78). Celestino Gomes optou por evocar esse hino no final da peça e por integrar a sua «Balada de Despedida» no final do 1.º Acto, Quadro III, na voz da personagem Um Quintanista, acompanhada pelo Coro dos Quintanistas, que cantam nove plangentes e atormentadas quadras, expressão viva da saudade antecipada pelos jovens recém-formados que vão deixar Coimbra, reiterando a expressividade da adjectivação do título: «Pastas doiradas, que mãos de bilros/ nos estreitaram ao coração (...)// Ilusões mortas, ontem sonhadas,/ vão-nos nos olhos a soluçar.../ fitas doiradas – fôlhas doiradas,/ lá vem o Outono que as vai levar» (Gomes, 1927: 35-36). Por sua vez, o Quadro V exemplifica uma das vivências tradicionais da boémia nocturna, a serenata, «o nosso fado», que Felizardo defende com orgulhoso espírito bairrista: «é só nosso, digam o que disserem. Hilário era nosso; o desventurado boémio que primeiro fez florir em fado a alma coimbrã, era quintanista de Medicina quando morreu... António Menano, o que construiu um altar admirativo em cada coração, foi quintanista de Medicina. Êste orgulho é legítimo» (ibid.: 53).

Ao nível discursivo, o autor cria efeitos de cómico de linguagem a partir da acumulação de trocadilhos e da polissemia dos nomes, com especial incidência nos nomes próprios dos professores catedráticos, enquanto que o cómico de situação é conseguido pela criação do equívoco. A título exemplificativo:

Mr. Boche: Todo este empreendimento está debaixo do pagamento dos Bancos!...

Felizardo: É boa! Pois nós também viemos debaixo dos bancos da carruagem por causa do pagamento... e desde a Luza Cidade...

Mr. de France: Cidade da Luz c'est Paris...

Felizardo: Luza, Coimbra. Que a respeito da luz, olha lá êsse candeeiro!... (...)

Universidade: Com seus ares catedráticos/ entram os lentes na sala./ Fazem, em volta uma orla/ de aspecto grave, sisudo,/ e mesmo vindo... de borla,/ a gente é que paga tudo! (ibid.: 13, 25)

Os apelidos de Felizardo Costa Direito efectivam a primeira alusão explícita a uma circunstância da política nacional, quando a personagem esclarece: «Perdão, Costa Direito. Pertencço à grande família dos de Costas direitas, mas não sou nada ao

Afonso...» (ibid.: 13). Após a fracassada rebelião de 3 de Fevereiro de 1927 contra a Ditadura Militar, Afonso Costa integra o grupo de dissidentes que se refugiara no estrangeiro, constituindo a Liga de Defesa da República/ Liga de Paris (Faria, 2000: 27, 120-127). Por conseguinte, a fala da personagem presentifica a oposição ao governo. Tendo em conta os acontecimentos do 28 de Maio de 1926, o trocadilho adequar-se-ia também ao General Gomes da Costa, o que autor parece ter evitado, substituindo-o por uma outra alusão explícita à Ditadura Militar:

Roteiro: (...) Quanto à rua do Governo...

Felizardo: ¿Do Governo? Não conheço nenhuma rua com êsse nome.

Roteiro: Dos Militares...

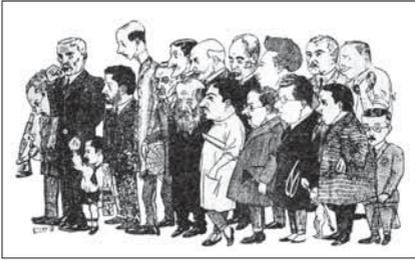
Felizardo: Os Militares... só se fôr para o Pinhal de Marrocos.

Roteiro: Não senhor: para o Museu. (Gomes, 1927: 20)

Em termos globais, a retórica antigovernamental apresenta-se diluída, pelo que os alvos de mais acerbadada sátira e paródia são as tradições académicas, os tiques identificativos dos lentes e as vivências comuns dos estudantes de Medicina, que não escapam a um saudável riso castigador. Neste contexto, a múmia Serapião simboliza o estado decrépito e a fragilidade da Faculdade de Medicina, e, numa perspectiva abrangente, da instituição e do ensino universitários.

Nas primeiras cenas, vamos encontrar os elementos identitários de Coimbra, ancorados nas figuras alegóricas. Ao recitativo da Capa e Batina, misto de luto e de sonho juvenil, segue-se a intervenção da «velhinha» Tradição, «que anda para aí a cair de podre (...) *muito remendada e de corôa partida*», lamentando-se por estar «carregada de enxaquecas com os anos e com os pontapés. Ou isto é nervoso e coração aflito. Ainda cuidei que fosse dos intestinos sujos e tomei a limonada cítrica» (ibid.: 17). Carna-Bom Júnior fica a conhecer o novo Roteiro ilustrado de Coimbra, que lhe fala do Choupal, do parque, das ruas, de monumentos. Enquanto que um edifício emblemático da cidade, o hotel Astória, desfila no palco a cantar, enunciando os seus atractivos, as Tricanas e as Lavadeiras dão voz aos encantos da presença feminina. Uma Tricana lamenta o manifesto desinteresse dos estudantes, que as encaram como figuras de uma tradição que, inevitavelmente, cristalizará: «Do coração do estudante, agora, só a tricana ocupa dois instantes, e ainda êsses mesmos nos são disputados. O primeiro é quando chegam, olhos em fogo, corações ardentes, para nos dizerem – desejo-te. O último é quando partem, olhos chorosos, corações partidos, para nos dizerem: adeus!» (ibid.: 35).

A chegada de Serapião é objecto de homenagem e de discurso por parte da Universidade e da Câmara. Posteriormente, irá conhecer as incoerentes Força Viva e Viva Força da cidade, bem como a Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra. Pergunta o egípcio o que fazem os elementos desta última, repetindo-se então a resposta que veicula a denúncia da sua inoperância, pela ênfase do pronome indefinido: «E eu...



«A sábia confraria dos lentes de Medicina»,
desenho de João Carlos (1927)

nada! (...) E eu... nada. (...) Nadíssima, nada...
(...) Metade, ainda nada. E o resto, nem nada!»
(*ibid.*: 25-28).

3. No que diz respeito à academia, Celestino Gomes dissecou a Faculdade de Medicina, nomeadamente os professores catedráticos que formam o corpo docente, conciliando a argúcia do seu olhar com o humor que consegue imprimir aos diálogos das personagens. Os lentes são referidos ou pelo primeiro nome ou pelo apelido, prescindindo as personagens do tratamento formal académico, empregando com frequência o determinante artigo definido («o Rocha Brito», «o Viegas», «o Egídio», «o Serras e Silva», «o Bacalhau», ...), o vocativo «Ó Pinto» e o popularizante «ti», «o ti Adelino». Ressaltam as alusões de sentido burlesco, com garantidos efeitos de cómico junto dos espectadores, pela visão trivial com que os lentes são apresentados, bem como as suas práticas clínicas. O dueto Felizardo/ Tradição inicia o abundante processo caricatural:

Ambos: Também o Marques dos Santos
fez o Instituto Anti-Rábico
e pôs a «Coimbra em Flôr». (...)

Felizardo: (...) o Morais Sarmento
por causa do suco gástrico
põe a gente numa papa. (...)

Tradição: (...) temos agora o Viegas
Com barbas de piassaba. (...)
Raposo de Magalhães
também já foi mestre aqui
e era um bom cirurgião...

Felizardo: E o doutor Angelo, agora,
despacha quarenta à hora;
é só pôr-lhe um bisturi
mais uma pinça na mão.»¹⁵
(*ibid.*: 18-19)

Motivo recorrente é o receituário do Dr. Morais Sarmento, que «até cura a pneumonia com injeções hipodérmicas de água de Vidago, fonte número um!». Aliás, no

¹⁵ O autor refere-se aos professores catedráticos João Marques dos Santos, António Luís de Morais Sarmento, Luís dos Santos Viegas, João Emilio Raposo de Magalhães e Ângelo Rodrigues da Fonseca. (Gomes, 1990: 450-451)

processo caricatural inscreve-se a enumeração «as ptoses, as úlceras, as constipações, o mixedema, o brightismo, todos os sintomas que estudamos na patologia interna desde o nosso primeiro dia de aulas, tudo se cura com água de Vidago!» (ibid.: 43).

De seguida, no recitativo da Universidade, o jogo de palavras e a metáfora denunciavam as dificuldades por que passava a instituição, na alusão ao reitor Domingos Fezas Vital, docente da Faculdade de Direito, que ocupa o cargo entre 1927 e 1930, sucedendo a Fernando de Almeida Ribeiro (Torgal, 1990: 99): «Em Direito, nos gerais,/ dizem-se muitas cruzezas./ ¿Mas que posso eu fazer mais?/ Bebo o cálix ‘té às fesas.../ vitais...» Outros lentes são implicados nos versos:

Universidade: (...) Por mais que deitem os *clísios*
o hospital leva os lampos:
dum lado os campos... *elísios*...
do outro o Vieira... de Campos...
tudo gente sem igual,
e, p'ra ajudar seus donaires,
uma Rocha e um *bueno*-Aires
(que é Egídio, por sinal).»¹⁶
(Gomes, 1927: 27)

Felizardo ainda questiona «¿Porque é que o Afonso Pinto/ – que é um homem de saber – / capêlo e borla não mama?», respondendo a Universidade «com desdem» e com um provérbio de feição metafórica: «Onde estão galos de fama/ ¿que vem Pintos cá fazer?»¹⁷. O nome do director da Faculdade de Medicina, Dr. João Serras e Silva, surge associado à cadeira de Higiene, enquanto que Bissaya Barreto está sujeito a um caricato banquete de homenagem, com «um azeitinho de oliveira a assistir», que identifica o Dr. João Duarte de Oliveira ou, eventualmente, António de Oliveira Salazar.

Felizardo aproveita o sentido conotativo da palavra «fita», no Quadro IV, a partir da referência que a 3.^a Enfermeira faz à sessão de Cinema do Hospital, para apontar o dedo aos professores Sobral Cid e Geraldino Brites: «Sim senhor. Aqui mesmo tudo são fitas. É um belo estojo, vai ver. § Cinema: Fitas, fitas... tudo são fitas. A própria Faculdade é uma fita. Os lentes são séries...» Os gracejos prosseguem, zombeteiros, indiciando as relações entre os professores:

Cinema: (...) o Cupertino Pessoa é a parte gaga. O Bacalhau é a parte... particular.
Felizardo: Já o Sàvedra foi a parte... que parte... quem parte leva saüdades...

¹⁶ Agora, Celestino Gomes alude aos catedráticos Elisio de Azevedo e Moura, Adelino Vieira Campos de Carvalho, Lúcio Martins da Rocha e Egídio Costa Aires de Azevedo. (ibid.: 450-451)

¹⁷ Trata-se do bacharel Afonso Augusto Pinto, nomeado professor catedrático a 21 de Fevereiro de 1927, sendo a data da tomada de posse (8 de Maio do mesmo ano) anterior à récita dos quintanistas. (ibid.: 451)

Serapião: Já vinha de trás quem o empurrava...

Felizardo: Não é o que diz o João Porto...

Cinema: É que êsse é a parte... suspeita! (...)

Serapião: ¿ Mas teem, então, um grande sortido de fitas?

Cinema: (...) Não sabe? É a fita do Cid. Tenho pena de não poder exhibir-lha, mas teem-na atrapalhado tanto que já não se percebe nada... (...) Científica própria dita temos o processo cirúrgico do Dr. Angelo, com quem diz – o processo... do rasga. Mas têmolas, também, de agronomia – o Geraldino cultivando a *seara nova*.» (ibid.: 39-40)

De seguida, as alusões a fitas desportivas são motivo de paródia dos jogos de interesses: «Há o jôgo do pim-pam-pum da Faculdade. Jôgo de pau... de dois bicos. A disputa do título de campeão mundial de box Maximino-Dempsey. E agora por box... (...) Cena primeira: o encontro dos contendores. (*entram, um de cada lado, de batatas de operador e luvas... de box*)» (ibid: 41). Ambos os pugilistas exclamam «Fernando!», dão os murros em simultâneo e caem nos braços de duas enfermeiras, sendo esta uma evidente referência à situação do Dr. Fernando de Almeida Ribeiro, reitor eleito a 21 de Junho de 1926 e que é exonerado a seu pedido apenas dois meses antes da representação da revista de Celestino Gomes, em Março de 1927 (Torgal, 1999: 75-76). Para finalizar, no Quadro VI, o coro dos medicamentos, secundado por Serapião e Felizardo, é impenitente com os professores, fazendo sobressair pormenores do seu aspecto físico:

Serapião: (...) ao Almeida Ribeiro
da Medicina Legal,
com tricofitina só...

Felizardo: Nasceu-lhe aquele chinó
tão sedoso e natural!... (...)

Serapião: P'lo que experiência ensina
são a *neige* e a brilhantina
usadas todos os dias...

Felizardo: que dão ao ti Adelino
Ao Viegas e ao Cupertino
carecas tão luzidias...
(Gomes, 1927: 56-57)

No que diz respeito ao curso, propriamente dito, saiba-se que «A Medicina é uma praga;/ armam sempre um trinta e um» e também que a Faculdade «ainda não acertou num plano de estudos».

Na Cena 6, a segunda projecção é a estratégia concebida para apresentar os cinquenta e dois quintanistas de Medicina, anunciados pelo Bedel Único¹⁸ como «bons

¹⁸ Augusto Costa era bedel da Faculdade de Medicina desde Outubro de 1919 (ibid.: 453).

rapazes. Depois de formados ainda se lembram sempre do Costa... São bons rapazes – Olhem o livro de ponto como está limpinho. Também estou-lhes sempre a dizer – Os senhores já são maiores e revacinados; não fujam...» De imediato, o Bedel «*vai ao fundo onde aparece um grande livro, que abre. A folha branca é o écran onde se irão projectando os quintanistas*» (ibid.: 45), seguindo-se a leitura das cinquenta e duas quadras elucidativas dos traços que individualizam os colegas de curso do autor¹⁹; excepcionalmente, a quadra alusiva a si próprio é formada por um único quarto verso, «...../// não lhe gabo a paciência!»

Celestino Gomes não poderia deixar de acrescentar uma nota de atrevimento brejeiro nas poucas mas expressivas alusões eróticas, associadas a figuras femininas. O hotel Astória afirma que «O que é preciso é que as meninas gozem/ e arranjem um camêlo/ – dêstes pãezinhos *chics*, um amor,/ tipo quâsi único, farinha da melhor.../ que não teem farêlo!» (ibid.: 32). As enfermeiras, com as suas toucas e batas brancas, são ícones indissociáveis do erotismo. Uma delas, a 4.^a Homenageante do jantar oferecido ao Dr. Bissaya Barreto, afirma que vai «de todo o coração,/ – e digam seja o que fôr –/ tratar da desinfeção/ da seringa do doutor», «E o povinho até desmaia/ quando p'raí se souber,/ se êste serviço eu fizer/ ao senhor Doutor Bissaia!» (ibid.: 30-31). O 2.^o Acto inicia com as duas quadras do Coro das Enfermeiras: «(...) E sob a carícia de nosso olhar quente,/ aos desenganados damos vida até;/ qualquer indivíduo, mesmo o mais doente,/ põe-se logo em pé...» De seguida, a 2.^a Enfermeira lamenta a complexidade das matérias a estudar, obtendo-se o cómico a partir da referência às capacidades intelectuais femininas e da polissemia das formas verbais:

Mas estou muito descontente. Aquilo é tão complicado... Sempre dizem uns nomes... nem sabe a gente se são nervos, se é osso... (...) O Doutor Bissaia espreme a gente. O Doutor Egidio, a mesma coisa. O Doutor Adelino, aspas, aspas. Agora vão algumas pedir para nos tirem, ao menos, um, para não ser o curso tão pesado. Que eu, por mim, queria mas é que nos tirassem os três...

(ibid.: 37-38)

Uma última paródia envolve as lições do Dr. Álvaro de Almeida Matos, responsável pelo serviço de clínica ginecológica: «Não sei como me viu tocar com um dedo no botão da campinha, que apenas entrei me disse logo: olhe que o *toque* não se faz assim; e isto é importante, não sob o ponto de vista das campainhas, mas sob o ponto de vista das doentes que também badalam que nem campainhas...» (ibid.: 52-53).

Como numa fita cinematográfica, a Coimbra académica – nomeadamente, a Faculdade de Medicina – foi desfilando perante o olhar atónito de Serapião, esse médico dos

¹⁹ Em 1957, na sua *Carta para Coimbra*, Celestino Gomes recorda 35 dos seus colegas de curso. Não conseguimos identificar aqueles que são referidos unicamente pela alcunha ou pelo diminutivo, «o Vagalume», «o Beló», «o Carrêlo» e o «bispo da Guarda».

confins das dinastias faraónicas, que encetou contactos com os insignes representantes do ensino da ciência médica.

Com efeito, os diagnósticos ditados pelos lentes constituem o assunto do Quadro VI, quando Serapião conta a Felizardo como decorreram os encontros em que fora alternadamente observado pelos senhores doutores. Em primeiro lugar, consultou o Dr. Geraldino Brites, mas a múmia ressuscitada caíra «na asneira de lhe dizer que tinha sido médico de rei...», pelo que Felizardo interroga: «Zangou-se?!... Êle de reis, meu amigo, só o Câmara Reis». A seguir, observaram-no o Dr. Álvaro de Matos, mas «despeja-me para ali uns ingredientes de tantos milicuries ou miligramas horas de rádio, misture e tome de baixo para cima», e o Dr. Morais Sarmento, cuja prescrição – a reiterada inócua «água de Vidago» – é motivo de sátira ao longo de todo o texto. O Dr. Adelino não definiu qualquer diagnóstico válido, «limitou-se a dizer: Sim... eu não digo que não, mas... sim... o senhor veja lá... mas... sim, eu cá já não digo que não...», enquanto que o Dr. Rocha Brito fora incisivo, «Wasserman positiva. Deve submeter-se ao 914 e fixar com hipossulfito de soda». A paródia que invectiva as falácias e a ineficácia da Medicina patenteia-se no desabafo do próprio Serapião: «Uma saúde de três mil e cincoenta e cinco anos arrazada. Êles e mais a Medicina moderna é que me puseram neste estado. Também só me falta experimentar os medicamentos deste laboratório...» (ibid.: 55) Felizardo apresenta, então, o coro dos Medicamentos, Neurogenina, Tricofitina, Calicida, Neige e Brillantina, que enunciam as suas qualidades.

Contudo, o protagonista não andava em busca de solução para um problema exclusivamente físico, necessitava, sim, de um remédio que lhe devolvesse «a saúde e a alegria!». Por conseguinte, apenas Felizardo conseguirá adequar o tratamento, ao prescrever «o único elixir capaz de dar a alegria e o bem-estar. Uns chamam-lhe a amizade, outros a saúde, outros ainda a esperança. Foi êsse elixir que aqui juntou hoje, num abraço efusante, os nossos colegas de há vinte anos. É a alma académica» (ibid.: 60). Por isso mesmo, o autor reserva para o final da peça a entrada em cena da derradeira personagem alegórica, síntese perfeita dos valores intemporais e inabaláveis que distinguem os estudantes de Coimbra e configuram o espírito académico. Com um discurso apoteótico, enunciador do virtuosismo do amor pátrio, do carácter empenhado, destemido e determinado da juventude, capaz de se mobilizar nos difíceis momentos de provação da sua força moral e das suas convicções, a Alma Académica aclama esse «sangue sempre rebelde e sempre generoso, mil vezes derramado pela Pátria e mil vezes dignificado pelo sacrifício»:

Moços de há vinte anos! Fostes vós que nos ensinastes a viver e a estudar, mas fomos nós que, a cantar, marchámos a dar o nosso nobre esforço na Grande Guerra. E quantos tombaram no caminho, quantos para quem nós contraímos o sagrado dever da lembrança.

Isto é que é a alma académica. Aquela força de alma que nos traz desde a escola infantil (...). Vêdes aí abraçados os que há vinte anos fôram o que nós somos hoje?

Abracêmo-nos todos, irmãos. E juremos fazer os nossos filhos ainda melhores do que nos fizeram a nós, para daqui a vinte anos, os que não houveram de vez fechado os olhos possam ver, num dia igual, erguida em apoteóse esta pátria querida que se chama: PORTUGAL! (ibid.: 60-61)

Enquanto o pano cai «lentíssimamente», ouvem-se as vozes dos quintanistas cantar, num coro final, os versos da epopeia camoniana «Esta é a ditosa pátria minha amada/ á qual se o céu me dá que sem perigo/ torne com esta empresa já acabada/ acabe-se esta luz ali comigo!» (Canto III, estância 21), reiterando o simbolismo patriótico que marca o desfecho da acção dramática e, em simultâneo, traduzindo literariamente o refrão do centenário Hino Académico²⁰, da autoria de J. A. Sanches da Gama Lobo.

Se bem que as vozes dos estudantes descontentes e as circunstâncias políticas a elas associadas não ecoem persistentemente ao longo da revista de fim de ano dos quintanistas, a fala da Alma Académica que encerra a representação deixa entrever um claro e acendrado apelo à intervenção dos jovens académicos, intrinsecamente ligados às constantes manifestações estudantis de descontentamento, que, a partir de 1925, iriam alastrar aos três centros universitários do país, Coimbra, Lisboa e Porto, onde se sucederam greves organizadas pelos alunos como forma de protesto e de reivindicação (Torgal, 1999: 37-39). Num ambiente de contestação e de luta, os estudantes mobilizar-se-iam para dar «vivas» ou «morras» ao Governo da Ditadura Militar. Durante este período, a própria Universidade viveu momentos de grave crise institucional (em Coimbra, por exemplo, com pedidos de demissão do reitor ou do director da Faculdade), reflexo da instabilidade no Ministério da Instrução Pública e das medidas legislativas do Governo (Torgal, 2000: 40-44; Faria, 2000: 343-352).

A dupla evocação dos «nossos colegas de há vinte anos» sublinha, precisamente, a homenagem prestada àqueles estudantes que, em 1907, durante o governo de João Franco, participaram na contestação e na greve académica, tendo mesmo sete alunos sido expulsos. As autoridades mandaram, então, encerrar a Universidade de Coimbra, que ao reabrir «entra em greve que alastra a outras escolas do país», levando Franco a «encerra[r] todos os estabelecimentos do ensino superior e acusa[r] o movimento de conjura» (Vieira, 1999: 178). Por conseguinte, da revista dos quintanistas eleva-se um corajoso grito de solidariedade e de rebeldia, inabalável perante quaisquer adversidades, sejam estas ditadas pela conjuntura política nacional ou internacional. O indomável espírito destes jovens revê-se nesses «moços»²¹, que merecem ser recordados e erguidos

²⁰ Em 1853, o Hino Académico convocava os estudantes através de um texto marcadamente belicista, como a quadra do refrão denuncia: «E se a pátria, seus ferros quebrando,/ Quere seus filhos à guerra chamar,/ Vamos todos no campo da glória/ Nossas vidas à Pátria votar» (Calisto, 1950: 23).

²¹ Cerca de um ano e meio antes, no dia 18 de Janeiro de 1926, tinha sido inaugurada uma «lápide votada aos estudantes da Universidade que morreram na Grande Guerra», que contou com os discursos do reitor, Dr. Henrique de Vilhena, e do director da Faculdade de Medicina, Dr. Fernando de Almeida Ribeiro, que,

como exemplo de «nobre esforço», de «sacrifício pela Pátria», de uma união que sempre faz a força. O teor irreverente do discurso da Alma Académica antecipa, inclusivamente, as movimentações dos estudantes, que formariam o Batalhão Académico Anti-Fascista, no final desse ano de 1927, em Lisboa²².

As «ilusões doiradas» do título ressumam o sentimento de decepção e adquirem, afinal, um sentido irónico. A urgente necessidade de mudança da situação de instabilidade política e económica do país, a que os estudantes – futuro contingente a integrar as elites – não são alheios, parece uma realidade sistematicamente condenada a fracassar. Terminado o curso, Celestino Gomes integra a carreira médica e outras formas de intervenção ao nível sociocultural afigurar-se-ão pertinentes.

Bibliografia

- CALISTO, Diamantino (1950). *Costumes Académicos de Antanho. 1898-1950*. Porto: Imprensa Moderna.
- CORREIA, Fernando da Silva (1962). «A vida ardente de João Carlos Celestino Gomes (apontamentos para uma biografia)». In *In Memoriam do Dr. João Carlos Celestino Pereira Gomes. 1890-1960*. Aveiro, 27-49.
- Despertar (O)*, Ano IX, 820, 4 de Abril de 1925.
- FARIA, Cristina (2000). *As Lutas Estudantis contra a Ditadura Militar (1926-1932)*. Lisboa: Edições Colibri.
- GRAÇA, Manuel da, «De Coimbra». In *Beira-Mar, Semanário noticioso, de interesses locais*, Ano VII, números 302 e 305, 15 de Maio e 5 de Junho de 1927.
- GARRIDO, Álvaro, e LEBRE, Ângelo (2007). *Museu Marítimo de Ílhavo – Um Museu com História*. Lisboa: Âncora Editora/ Câmara Municipal de Ílhavo.
- GOMES, João Carlos Celestino (1925). *Baladas para um Certo Olhar*. Ílhavo: Oficina de Jaime de Oliveira.
- (1927). *Fitas Doiradas... Ilusões Doiradas....* Coimbra: Atlântida, Livraria Editora.
- GOMES, Joaquim Ferreira (1990). *A Universidade de Coimbra durante a Primeira República (1910-1926)*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

num registo semelhante ao de Celestino Gomes, relembra que «é necessário conservar, vivo e desperto, fôgo sagrado e sempre mais ardente, o amor pela Terra em que nascemos e que aos nossos filhos havemos de legar como dos nossos maiores a recebemos: independente, gloriosa e livre! (...) a sua vida a deram Eles – êsses moços gentis! – para que não morresse a Pátria, para que sempre Ela mais se engrandeça, para que, sempre, glorioso e altivo, § VIVA PORTUGAL!» (Ribeiro, 1926: 584).

²² Silenciados os focos de revolução de 3 de Fevereiro de 1926, em Lisboa e no Porto, a camada estudantil mais empenhada, «numa posição de repúdio à Ditadura, inicia uma campanha de distribuição de manifestos clandestinos contra a situação e empenha-se, mais perto do final do ano, na constituição do Batalhão Académico Anti-Fascista com o fim «de combater em qualquer revolução democrática que surgisse contra a ditadura»» (Faria, 2000:121).

- MADAHIL, António Gomes da Rocha (1962). «João Carlos, desenhador de ex-libris». In *In Memoriam do Dr. João Carlos Celestino Pereira Gomes. 1890-1960*. Aveiro, 193-218.
- RÉGIO, José (1994). «O Movimento de Arte Modernista em Coimbra. Sobre um manifesto e uma conferência». In *Crítica e Ensaio – 2*. Lisboa: Círculo de Leitores, 9-14.
- RIBEIRO, Fernando de Almeida (1926). «Discurso lido pelo Director da Faculdade de Medicina na inauguração da mesma lápide». In *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. X, 1-4. Coimbra: Imprensa da Universidade, 583-584.
- SALGUEIRO, D. Manuel Trindade, «A riqueza maior». In *In Memoriam do Dr. João Carlos Celestino Pereira Gomes. 1890-1960*. Aveiro, 13-18.
- TORGAL, Luís Reis (1999). *A Universidade e o Estado Novo. O Caso de Coimbra. 1926-1961*. Coimbra: Minerva.
- (2000). «A Universidade nos Anos 20 – Pesquisa e Interpretação». In A. Pinho Brojo, Maria de Lourdes Rebelo e João Rui Pita (org). *Farmácia, Ciência e Universidade. A Fundação da faculdade de Farmácia em 1921*. Coimbra: Minerva, 15-45.
- VIEIRA, Joaquim (1999). *Portugal Século XX. Crónica em Imagens. 1900-1910*. Lisboa: Círculo de Leitores.

Resumo: João Carlos Celestino Gomes (Ílhavo, 1899 – Lisboa, 1960) é o autor da revista de despedida dos quintanistas da Faculdade de Medicina de Coimbra, no ano lectivo de 1926-1927, *Fitas Doiradas... Ilusões Doiradas...*, que foi levada à cena pelos estudantes do curso, nos dias 29 e 30 de Maio de 1927. No texto desta peça de dois actos, Celestino Gomes passa em revista as tradições académicas, a instituição e os seus representantes – nomeadamente, os professores catedráticos da Faculdade de Medicina –, num registo contundente, marcado pelo humor e pela sátira, que também incide sobre a situação política nacional. No 2.º Acto, reserva especial destaque aos cinquenta e um colegas de curso. Deste modo, o médico-escritor encerra um período fundamental da sua produção literária, pelo facto de esta década de 20 corresponder ao início da sua profícua e dinâmica actividade artística.

Abstract: João Carlos Celestino Gomes (Ílhavo, 1899 – Lisboa, 1960) is the author of the theatre play by the senior students of the Faculty of Medicine in Coimbra, in 1926-1927, entitled *Fitas Doiradas... Ilusões Doiradas...*. The play was twice performed by the students themselves, on May 29th and May 30th 1927. In this play, structured into two acts, Celestino Gomes recalls the academic traditions, the institution and its representatives – mainly the professors of the Faculty of Medicine – using an incisive speech, with emphasis on humour and satire, which also accounts for the national political situation. He also gives a colourful portrait of his fifty one colleagues. Thus, the doctor-writer closes up a fundamental period of his literary activity, bearing in mind that the 20's set up the beginning of a long-lasting and proficuous creation.

